
ESPECIAL*Perspectivas Educativas da Unesco para o Século XXI*¹

Bárbara Freitag

O tema se justifica pela razão simples e óbvia de que estamos vivendo a passagem de um século para outro. Na verdade é uma passagem de milênio, e à luz dessa passagem somos confrontados com perguntas complexas, que poucos de nós poderão responder. Estas perguntas ocuparam várias comissões e diferentes equipes de pesquisadores no interior e fora da UNESCO, a saber:

- *'Como vamos enfrentar os desafios do futuro milênio?'*
- *'Como vamos dar conta dos problemas do milênio anterior, especialmente os deste século XX, tão conturbado.'*
- *'Quais são as propostas apresentadas para dar soluções?'*

Selecionei três textos publicados por grupos de especialistas para dar respostas tentativas a essas perguntas:

- (1) Relatório da UNESCO, mais especificamente da comissão internacional sobre educação do séc. XXI, presidida por Jaques Delors (que foi presidente da Comissão Européia, antes da constituição da União Européia), Relatório que se intitula: *"A educação: um tesouro está escondido em seu interior,"*(1996);
- (2) Frederico Mayor e Jérôme Bindé: *"Um Mundo Novo"* (1999), onde há uma reflexão ampla sobre o futuro, reflexão que transcende a questão educacional, e;
- (3) Relatório do Banco Mundial já voltado para o próximo milênio, (1999/2000) que tem como sub-título: *Entrando no século XXI*. O que é comum a estes três documentos é que eles se preocupam, com temas que transcendem a educação

¹ Palestra proferida em Ouro Preto em 28.10.1999, transcrita por Janete Jobim e revista pela autora em 12.11.1999/ Praga

propriamente dita e extrapolam o ensino formal, porque vão propor um ensino para todos, durante toda a vida, i.é, sustentado ao longo da vida para todos. Trata-se de uma proposta que quer garantir algumas premissas básicas, sem as quais a educação é impensável e não realizável.

Trata-se entre outras, de uma reivindicação por uma estabilidade econômica, um desenvolvimento auto-sustentado e a inclusão de todos na educação durante toda a sua vida, levando-se em conta um mundo em permanente transformação. Não podemos mais dizer: 'isso eu já li, isso eu já sei!'. Todos temos que estar permanentemente aprendendo, nos reciclando. Um tema geral que fundamenta todas estas reflexões, inclusive as do Banco Mundial, é o tema da Paz. Sem Paz não teremos condições de educar. Em verdade, um texto do meu grande pensador alemão, Immanuel Kant, "Sobre a Paz perpétua", é o lema que estes três documentos tomam como base para desenvolver um projeto educacional para o futuro milênio, ou seja, uma "*Educação para a Paz*". A palestra está dividida em três partes: 1 - Uma análise da situação mundial com seus problemas mais prementes, atuais, contemporâneos; 2 - Uma discussão das conseqüências destas mudanças para reorientar os princípios educativos e para pensar a viabilidade de educação para todos, durante toda a vida; 3 - Um debate em que o auditório ajudaria a refletir sobre a maneira como o Brasil se situa neste contexto internacional, nestas reflexões para o mundo globalizado, mundializado, internacionalizado.

ANÁLISE DA SITUAÇÃO MUNDIAL

a) *Guerra e paz*

Encerra-se um século que iniciou e terminou com guerras na Europa, que tiveram seu epicentro em Sarajevo. Por duas vezes estas guerras do século XX desembocaram em conflitos mundiais, em escala patológica. Por pouco o conflito recente da Sérvia, de março de 1999, não nos precipitou em uma 3ª Guerra Mundial, de proporções inimagináveis. Mesmo permanecendo delimitado este conflito fez estremecer por mais uma vez os povos civilizados do mundo. Causou pânico e semeou matanças e violências atrozes,

incompatíveis com os padrões morais e éticos do velho continente. Os ataques aéreos da OTAN, que procuraram poupar a vida de civis, acabaram por destruir com enorme precisão, com alta tecnologia, grande parte da infra-estrutura material da Sérvia e do Kosovo. O extermínio étnico dos albaneses do Kosovo, intencionado pelos sérvios, pôde ser barrado graças a estas ações da OTAN, fazendo contudo milhares de vítimas entre a população civil de ambas as províncias da antiga Iugoslávia.

b) Riqueza e pobreza

Nos últimos 50 anos deste século houve um crescimento econômico jamais visto na história da humanidade. Por ocasião do lançamento do relatório do Banco Mundial em setembro de 1999, o *Le Monde* anunciava: "o crescimento mundial ainda vai se acelerar"! Segundo o Banco Mundial este crescimento poderia atingir 3,5% ao ano em 2000. De acordo com o relatório do desenvolvimento humano (Human Development Report da Nações Unidas), somente na década de 86 a 96, os restaurantes MacDonalds tiveram uma expansão fora dos EUA de 64% e um aumento em suas vendas de 19 bilhões de dólares. Esse crescimento de empresas multinacionais de toda a ordem é o que veio a ser chamado de globalização. O Human Development Report das Nações Unidas define a globalização como sendo a integração dos três mercados, o do comércio, o do investimento e o das finanças, ao qual estaria sendo associado, em nossos dias, o do consumo. Todos participam deste consumo, ou quase todos. Somente com o telefone celular temos um exemplo da extraordinária participação dos consumidores no mercado globalizado. Esta definição é muito importante, pois resume perfeitamente o que é a globalização. A redução de tarifas alfandegárias e suspensão de restrições de importação teriam possibilitado, segundo os relatórios, vender produtos de melhor qualidade a um público consumidor cada vez maior, a preços competitivos, acelerando a produção e elevando o consumo de massa. É isso que teria gerado este crescimento econômico extraordinário, que foi N vezes maior no pós-segunda guerra mundial do que nos três séculos anteriores. Um papel importante é atribuído aqui aos comerciais e portanto ao cinema e à televisão, jornais e

revistas, lançando novos produtos, divulgando sua circulação e reforçando seu consumo.

c) Ciência e tecnologia

Boa parte do crescimento econômico deve-se por isso às extraordinárias inovações tecnológicas, que foram introduzidas via internet. Globalmente trata-se de tecnologias, das quais, gerações anteriores (avós, pais, nós mesmos) não podíamos nem sonhar. Numa retrospectiva lembro a invenção do Fax, que já tinha sido anunciado como uma técnica futurista por Júlio Verne, mas somente na década de 80 é que ela se universalizou. O computador, i.é., o "personal computer" (PC) - que entrou nas universidades, centros de pesquisas, mundo do shopping virtual, sexo virtual, perversão sexual; os utensílios domésticos ou de uso caseiro, telefones celulares, antenas parabólicas (que permitem o acesso a mais de 100 canais de televisão) igualmente fazem parte desse mundo da técnica inovadora e transformadora da vida cotidiana de todos nós. O gênero humano inventou ainda os satélites, que giram ao redor da terra, mandou construir estações no espaço para investigar planetas e o sistema solar. A globalização refere-se, pois, a mudanças estruturais econômicas e tecnológicas de dimensões planetárias. Esta globalização seria inimaginável, se não tivéssemos esta aparelhagem. Como, por exemplo, participar no jogo da bolsa no Japão ou em Nova Iorque, sem essa tecnologia ? Como assistir a uma Copa do Mundo ? Trata-se de um desenvolvimento ou progresso tecnológico, que eventualmente até mesmo pode ser colocado entre aspas e ser questionado, chamado de globalização, ou na versão dos franceses de mundialização. Em um espaço de tempo mínimo se universalizou um padrão de consumo que atinge praticamente toda a população terrestre. A essência desse processo amplo e irreversível, consiste em desrespeitar fronteiras e atingir os últimos recantos do globo.

d) Conflitos locais e regionais face à globalização

Analisando a globalização no contexto das tendências políticas nacionais, regionais e locais, revela-se a face negra dessa globalização. Nem tudo é progresso, nem tudo que brilha é ouro. Vemos como face negra, além dos conflitos bélicos mundiais, a

fragmentação dos Estados-Nação em mini-nações contrapondo-se a uma união como é o caso da União Européia ou do Mercosul dos países latinos, outros problemas como o da pobreza absoluta, do desemprego e o da pauperização crescente de enormes contingentes da população mundial. O desemprego cresce, não somente no Brasil; ele cresce no mundo inteiro. Já tinha sido documentado em um livro do George Orwell (o escritor de "Animal Farm", temporariamente sem teto, em Paris e Londres), de forma magistral. Em sua essência, pouco mudou desde então qualitativamente. Em termos quantitativos, a mudança foi enorme. Estudos de hoje mostram que esta pauperização se dá também nos grandes centros da economia mundial do 1º mundo, mas se dá em massa nos centros do mundo em desenvolvimento ou dos mundos que ainda não embarcaram neste desenvolvimento. Fazem parte desta pobreza, fatores macro-estruturais como o enfraquecimento do Estado, que se dá justamente à luz de um fortalecimento cada vez maior da economia globalizada face a um enfraquecimento gradual dos sindicatos e do Estado de Bem-Estar, cada vez menos competente para proteger seus cidadãos velhos, doentes e os desempregados. Este mundo globalizado é um mundo para jovens, consumidores, com saúde e com emprego; para o resto pode virar, com o tempo, um inferno. Por isso a UNESCO e todos estes documentos chamam a atenção para a necessidade de uma educação durante toda a vida. Precisamos ter uma BOA formação para enfrentar o desemprego, temos que ter uma formação para nos atualizarmos dentro do desemprego, para não degradarmos cultural e moralmente, mesmo quando as estruturas externas são absolutamente adversas. Por isso a educação não pode ser uma educação em sala de aula, tem que ser permanente e num novo estilo para um novo milênio, para novas estruturas macro, que não entendemos mais. Último sub-tópico desta primeira parte:

e) A questão da urbanização e da migração

O desenvolvimento desvairado das cidades é uma característica dos nossos tempos modernos e dessa virada do século. Não se trata apenas de um crescimento absoluto da população mundial. Trata-se de ondas migratórias e de levas de refugiados que estão afluindo para os centros urbanos de maneira cada vez mais descontrolada. Os migrantes não estão preparados para a vida urbana de hoje, como os

centros urbanos não estão preparadas para receber as multidões itinerantes e a pobreza que elas trazem consigo. A maior parte das populações do globo terrestre vive em extremos de pobreza inimagináveis. Cerca de 800 milhões de pessoas vivem à margem de qualquer nível de dignidade humana e elas buscam as cidades justamente para "melhorar de vida". Certamente também enfrentaremos problemas a respeito no Brasil, que já está acima da média da urbanização mundial que é de 60%. O Brasil está em 80% e até o final deste século e do milênio, já estamos acreditando que a população urbana chegará perto dos 90% de total da população ! O maior problema brasileiro não é um problema rural, é um problema urbano. As cidades brasileiras vão ter de enfrentar problemas de assentamento e migração permanente. Já nos anos 70, Paul Singer chamava a atenção para o fato de que um terço da população brasileira migrava, estava em movimento permanente, e hoje acredita-se que as cifras já são bem maiores.

AS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS DA UNESCO PARA O SÉCULO XXI

Cabe alertar de saída que essas concepções não tratam especificamente da realidade brasileira nem focalizam o Brasil, porque a UNESCO se ocupa com todas as Nações e somente focaliza os Estados de forma exemplar para destacar os mais deploráveis ou os que encontraram soluções satisfatórias. Se o Brasil não está visado e singularizado, é porque ele não está tão mal assim, como muitos brasileiros gostam de fazer crer. Existe uma negatividade muito grande entre os intelectuais e educadores brasileiros, que muitas vezes não percebem o que foi obtido em melhorias dentro dos nossos limites. A UNESCO preocupa-se, pois, com o mundo como um todo e as grandes tendências, que nele se delineiam com suas conseqüências para a educação mundial. Partindo da caracterização da evolução mundial que se encontra entre guerra e paz, a UNESCO discutiu três grandes tópicos:

- a) Os horizontes dentro dos quais se desenvolverá a educação do futuro. Este tópico se subdivide em reflexões sobre a

comunidade de base, que vai garantir esta educação até a visão de uma sociedade mundial, global. Assim sendo, o local e o mundial constituirão o foco da análise. Como mediador entre os dois extremos funcionarão os mecanismos de comunicação, inclusive as tecnologias modernas. Portanto, grande parte das análises e recomendações trata desses horizontes dentro dos quais se pode e se deve pensar o desenvolvimento do futuro.

- b) Os princípios que devem reger a educação do futuro. Aqui os autores defendem: a educação para todos ao longo da vida, como lema fundamental e propõem que essa educação se realize segundo princípios democráticos e de respeito aos direitos humanos. Para tal, a educação precisa assentar-se em 4 pilares.
- 1º pilar: "Aprender a APRENDER" - Aqui a comissão refere-se ao aprender coisas novas e aprender a reconhecer as mudanças que se processam no mundo sem querer se apegar às coisas do passado. Ao mesmo tempo recomenda: preservar o que é necessário, mas filtrar e aprender a desenvolver um mecanismo de aprender.
 - 2º pilar: "Aprender a FAZER". Para a comissão da UNESCO isso significa, aprender a fazer coisas dentro das condições da sociedade moderna dada, melhor ainda, da sociedade do futuro.
 - 3º pilar: "Aprender a VIVER com os outros". Para a Comissão torna-se primordial aprender a tolerância com o que é diferente. A aceitação do outro, que não entendemos, mas que precisamos compreender e aprender a respeitar em sua diferença. Trago-lhes aqui um exemplo negativo, de como não pode nem deve ser: os sérvios católicos. Como é possível que um grupo que se diz "étnico", de sérvios, de brancos, de católicos ortodoxos, desenvolver um programa de extermínio dos albaneses do Kosovo, só porque eles tem a pele um pouco mais escura e tem uma outra religião? E esse grupo passou mesmo a exterminar, da maneira mais atroz, os seus conterrâneos do Kosovo. Podemos voltar ao passado, da segunda guerra, do nazismo e do fascismo, que foi a maior atrocidade que o mundo conheceu, e que deveria ter sido um dos grandes aprendizados coletivos da humanidade neste século XX. O Holocausto nos deveria ter levado a um aprendizado do "nunca mais", do "viver com os outros", do aceitar a diferença, o diferente. Mas o que efetivamente ocorreu recentemente foi o

contrário: aquela região da antiga Iugoslávia, que inclusive tinha sido, temporariamente um modelo de socialismo democrático, passa a praticar exatamente as atrocidades, as vezes pior, no caso individual, do que as praticadas durante o nazismo alemão. Aprender a viver com os outros é o conviver, e com isso, ao invés de fazer guerra, invadir, brigar exterminar, estuprar, torturar, significa aprender a tolerância e o convívio com o diferente. Isso é muito importante para a Europa, pois se a Europa entra em briga, o mundo todo entra em guerra. O 4º pilar que a Comissão da UNESCO destaca, dentro destes princípios da educação, é o " Aprender a SER". Com isso os membros da Comissão querem dizer, que em verdade precisamos aprender a ser gente. Temos de aprender a viver nossa vida com dignidade e a assegurar esta dignidade a todos os outros convivas. A Comissão da UNESCO apresentou aqui os grandes valores universais, que devem valer para o século seguinte, o mundo como um todo. Mas justamente por esta razão, isso vale também sem restrições para o Brasil. O que foi caracterizado acima, não é especificamente brasileiro, mas é o que vale para toda a humanidade, porque se ela não resolver isso no todo, também suas partes sofrerão as conseqüências, inclusive o Brasil.

- c) As orientações que devemos adotar. Segundo o Relatório da Comissão da UNESCO os diferentes países deveriam adotara as seguintes orientações: A primeira, consiste em:
- (1) assegurar uma educação contínua da escola formal de base até a universidade.
 - (2) Depois, torna-se necessário seguir a recomendação de reciclar periodicamente os professores e oferecer-lhes novas perspectivas em suas funções docentes.
 - (3) Finalmente, há ainda uma terceira orientação, que consiste em avaliar corretamente o papel da política na escolha do modelo educativo. Vou mencionar o exemplo brasileiro, em que existe liberdade de, por parte das secretarias de educação municipais e estaduais, optar pelos diversos métodos de ensino oferecidos, alguns mais inovadores outros mais tradicionais. Esta é uma opção política que a UNESCO não ousa impor a ninguém. As democracias modernas precisam resolver em nível municipal,

local, regional, nacional e eventualmente trans-nacional esse problema da opção pelo modelo político. Seguimos o método "construtivista" na tradição de Piaget ou optamos pela cartilha do A-B-C de Branca Alves ? Praticamos na sala de aula um estilo democrático, em que todos são considerados iguais, recomendado por Dewey e Anísio Teixeira ou nos atemos ao modelo disciplinador francês, sugerido por Émile Durkheim ? É preciso conhecer as alternativas pedagógicas e as implicações políticas que elas acarretam, quando nos decidimos por elas. Quem hoje em dia se fecha dentro das suas fronteiras nacionais está perdido, tanto do ponto de vista educacional como do ponto de vista econômico. Tem que haver a transgressão das fronteiras. Ex. O Rio Grande do Sul está incluindo no primário o ensino do espanhol. Um dos grandes projetos do relatório Jacques Delors consiste em introduzir a educação bilíngüe de base; já o texto de Federico Mayor, atual Presidente da UNESCO, fala da educação trilingüe. Cada língua que sabemos é mais uma janela aberta para o mundo.

A SITUAÇÃO DO BRASIL NO CONTEXTO DESSAS REFLEXÕES

Antes de passar para a discussão com o público quero chamar atenção às tensões que enfrentamos no mundo de hoje, debatidas por Federico Mayor em suas reflexões sobre "Um mundo novo" (1999) citado no início da palestra. Segundo o Presidente da UNESCO que por duas vezes foi eleito para capitanear essa grande instituição das Nações Unidas, é preciso enfrentar e superar, no decorrer do século XXI, uma série de tensões ainda presentes em nossas sociedades contemporâneas. Já ouvimos falar das condições, dos princípios e do papel de vários agentes envolvidos na questão educacional do novo milênio. Analisemos agora essas tensões e a maneira possível de sua superação: A primeira destas tensões é, para Mayor, a tensão entre o global e o local. Precisamos resolver esta tensão básica. No mundo globalizado observamos de um lado a tendência geral de uniões cada vez maiores de certos grupos econômicos, como o grupo dos 7 países mais desenvolvidos (G7), havendo, por outro lado, a fragmentação local (ex. a antiga Iugoslávia mas também a União Soviética que

estão em desagregação intensa) de grupos étnicos e religiosos que não têm condições de sustentar-se sozinhas economicamente. A 2ª tensão seria a tensão entre o universal e o singular.. Trata-se de categorias hegelianas (alguém que leu a fenomenologia do espírito vai se lembrar, que em verdade seria a mundialização da cultura, que se realiza progressivamente segundo Hegel, mas que ainda acontece parcialmente, localmente). Se é verdade que ainda existem 800 milhões de pobres, absolutamente pobres, isto significa que também há cerca de 800 milhões de analfabetos, que de nenhuma condição de participam das aquisições da modernidade, pois não têm acesso à tecnologia, não tem acesso à educação, nem à leitura. São os excluídos universais. Seria necessário universalizar a cultura. Isto quer dizer, que não basta somente alfabetizar. É preciso garantir que essas populações façam parte de um mundo convencido do valor da dignidade humana, que dê proteção à vida de cada um, mesmo que seja o último prisioneiro da FEBEM lá de São Paulo. Estes valores é que precisam ser universalizados. É preciso superar as barreiras do local, do regional, do tradicional que se fecham a eles. Ao mesmo tempo há a necessidade de reconhecer os valores locais e oferecê-los para o resto do mundo. A 3ª tensão - consiste, pois, em enfrentar a tensão existente entre tradição e modernidade. Adaptar-se sem renegar, dar conta das coisas necessárias sem realmente destruir o que ficou por trás. Encontrar formas mediadoras entre a tradição e a modernidade. Não é para todo mundo ficar andando com o seu celular e ninguém falar mais um com o outro, isto seria um absurdo. O aprendizado que é de todos, precisa traduzir-se na superação destas tensões. A 4ª tensão a ser superada é a tensão entre as coisas de a longo e a curto prazo. Isso vale especialmente para as políticas da educação, que hoje e no futuro deverão ser revisadas e deverão acompanhar toda a vida. Não podemos determinar hoje, o que temos de ensinar à criança, que entra na escola e que provavelmente terá um expectativa de vida de 70 a 75 anos. Não vamos poder ensinar o que ela deverá ou quererá fazer aos 75 anos, mas por isso mesmo devemos ensinar o que a Comissão da UNESCO defendeu acima: de aprender a aprender, aprender a conhecer o mundo, atualizar e reciclar-se e inserir-se em novos mundos, aprender a convivência com o outro, aprender a paz. Se soubermos isso, vamos ser capazes

de nos adaptar até mesmo a uma hegemonia digamos islâmica, que em termos macro pode ter até uma população maior que a cristã. Temos que saber pensar de maneira nova a longo e a curto prazo. É uma tarefa dos pesquisadores e docentes, sejam eles universitários ou primários. A 5ª tensão existe, segundo Mayor, entre o extraordinário desenvolvimento dos conhecimentos e a capacidade (reduzida) de assimilação pelo homem. Temos que aprender a selecionar da multidão de saberes, de maneira criteriosa, aqueles que sejam adequados à nossa personalidade, à sociedade em que vivemos, ao nosso momento imediato. E, finalmente, a 6ª tensão, é a tensão entre o material e o espiritual. Na globalização mundial a tecnologia e a ciência pesquisaram tudo sobre a matéria e muito pouco sobre a alma humana. Constata-se que, as doenças mentais, psíquicas estão aumentando entre aquelas pessoas de nível, de formação mais elevada. As psicoses, as neuroses, os suicídios incidem mais sobre estas pessoas. Por que nós conseguimos chegar a lua e filmar os anéis de Saturno e não conseguimos educar uma criança para que não tenha doenças físicas e mentais? Para as doenças físicas, até que farmacêuticos e médicos estão conseguindo controlar com injeções preventivas as piores doenças que assolaram a humanidade, mas para as doenças psíquicas, muito falta por fazer. Neste campo tem de ter um investimento, que consiste em educar as pessoas para facilitar as relações humanas e evitar preventivamente futuros problemas. Federico Mayor cita um ganhador de prêmio nobel - "Não podemos prever o futuro, mas podemos prepará-lo". É o que ele e suas equipes se propuseram fazer ! Essas, reuniram os dados, à base dos quais propuseram os seus programas inovadores para o século XXI. A partir desses dados, impõem-se a solução nos próximos anos de pelo menos quatro desafios: Estabelecer a paz - combater a pobreza - garantir o desenvolvimento sustentável - e promover a autodeterminação, que se obteria através da educação para todos durante toda a vida. 800 milhões sofrem fome diariamente. 880 milhões são analfabetos. 1,400 milhões não tem acesso direto a água potável, como consequência disso temos inúmeras doenças. 70% dos pobres de pobreza absoluta são mulheres. Um dos sub-programas (proposta da UNESCO) consiste em educar preferencialmente as mulheres, pois já se refletiu em programas de saúde, que mulher educada cria os seus filhos melhor, caindo as taxas de mortalidade infantil e

aumentando a longevidade da criança e da mulher. Portanto, é a educação elementar, que ajuda a evitar estes riscos. 4 bilhões de habitantes do nosso globo terrestre não tem acesso aos meios de comunicação. Como é o caso de maior parte da população da África. Estes problemas levaram Mayor e seus colaboradores a proporem quatro tipos de novos contratos: O primeiro, seria um novo contrato SOCIAL, que incluía os excluídos, estes 800 milhões de pobres, os desconectados. Esse contrato tem de ser radicalmente democrático, em que todos, sem exceção, sejam incluídos. Esta tarefa é uma tarefa para todo o próximo milênio! O segundo contrato é o ECOLÓGICO. Esse contrato significa a educação e a prática do respeito ao meio ambiente. Desculpem-me comentar algo de negativo quando estou de visita ao Estado de Minas, onde ao mesmo tempo estou sendo tão bem acolhida. Um europeu chegando aqui e olhando estas montanhas comidas, erodidas, transitando pelas estradas poluídas, leva um certo choque. A destruição ecológica acontece aqui de forma sistemática e progressiva a passos de gigante! O problema ecológico é mundial, Minas é uma pequena parte deste mundo, e partilha portanto dos problemas ecológicos mundiais. Mas Minas está sendo particularmente afetada pela exploração de suas riquezas minerais. Federico Mayor exige um novo contrato ecológico da humanidade com a natureza circundante, com o planeta terra. Mas esse tem que ser um contrato que todos queiram e respeitem. Não é a UNESCO sozinha que vai fornecer o modelo para este contrato; é a humanidade que tem de se dar conta da deterioração do planeta, procurando salvá-lo. Para que a população mundial tivesse um nível de vida dos Estados Unidos necessitaria de três globos terrestres com os recursos deste. Por isso Mayor e suas equipes advertem: sem um novo contrato ecológico, vai faltar água, vai faltar ar para a humanidade num futuro bem próximo, se não for fechado um tal contrato. O 3º contrato sugerido por Mayor é o CULTURAL. Em sentido preciso este contrato cultural visa a educação para todos ao longo de toda a vida. Existe o conceito grego de *paidéia*, que é formação completa do ser humano e da sociedade. Educação não se limita à alfabetização. Educação é tudo: é não jogar o papel no chão, é não jogar o cigarro no capim, pois pode causar uma queimada e incêndios tremendos. *Paidéia*, a educação grega, tinha tudo em

mente: inclusive uma maneira de se relacionar com o mundo material ou natural e o mundo social. Em alemão existe o conceito de "*Bildung*", que também significa formar e preparar os jovens para a vida. Certas idéias devem prevalecer. Kant foi o primeiro a formular a idéia da "educação para a paz" sem esquecer a educação para o conhecimento. Nós precisamos saber para realmente formar o cidadão. O último contrato, segundo Federico Mayor, seria o ÉTICO, para promover a democracia. Nenhum regime político do mundo é bom, nenhum se comprovou ser eficaz para formar o cidadão, este cidadão sonhado desde Platão. De todos os maus regimes que tivemos durante dois milênios e meio, o melhor foi e é a democracia. A democracia foi e é muito combatida por todos aqueles que vêm nela uma ameaça, pois na democracia abre-se mão dos privilégios, defende-se a igualdade dos indivíduos, exigem-se mecanismos transparentes de controle dos dirigentes, elaboram-se leis e regras através da negociação, e criam-se mecanismos institucionalizados de justiça e previdência. Estes quatro novos contratos propostos por Federico Mayor e suas equipes deveriam ser tratados - no meu entender - como sendo os "novos mandamentos para o próximo milênio". Que permaneçam os 10 mandamentos de Moisés, comuns a toda a humanidade, mas que se implementem estes novos contratos para o Novo milênio a partir do século XXI: a saber, o contrato social, o ecológico, o cultural e o contrato ético. Termina minha exposição com as palavras: "Não sou cavaleira do apocalipse, sou leitora de textos bem fundamentados, que nos lançam um alerta, como estes produzidos pelas equipes da UNESCO, do Banco Mundial e das Nações Unidas. Se não conseguirmos atender o apelo de Kant e batalhar para "a paz perpétua" na base de princípios democráticos, e dos quatro contratos novos aqui propostos, vamos por em risco a humanidade, e com ela, a sociedade brasileira. Muito obrigada pela atenção".

